

## **CAPÍTULO 10 DO LIVRO CINCO SÉCULOS DE REVOLUÇÃO: TRANSIÇÃO DAS REVOLUÇÕES BURGUESAS ÀS REVOLUÇÕES PROLETÁRIAS - GEORGE NOVACK**

---

As décadas que transcorreram desde o final da guerra civil dos Estados Unidos até a revolução russa constituem um período de transição entre duas épocas de mudança revolucionária. O grande acontecimento que as define é a saída de cena da burguesia mundial da arena revolucionária. A vontade e a vitalidade revolucionária da burguesia foram extinguindo-se antes de que aparecesse a nova força revolucionária do proletariado capaz de dirigir às massas camponesas insurgentes contra o imperialismo capitalista. O debilitamento das capacidades revolucionárias dos setores proprietários já havia sido previsto durante os acontecimentos de 1848 quando, ante o fracasso da burguesia alemã, Marx e Engels a desqualificaram como uma classe revolucionária digna de confiança.

A guerra civil dos Estados Unidos foi a última manifestação, rotunda e taxante, onde se mostrou o caráter revolucionário das forças democrático-burguesas. Nessa ocasião, a causa do progresso se impôs vitoriosamente depois de uma prolongada e sangrenta luta popular, conseguindo-se os objetivos democráticos das massas plebeias que haviam ficado incompletos (por exemplo, o acesso livre dos granjeiros brancos aos territórios a oeste do Mississippi) e a conquista da supremacia econômica, política y cultural indisputada do país por parte dos capitalistas industriais. O radicalismo burguês posteriormente não voltou a superar jamais essa alta marca de sua história.

Outros movimentos das classes possuidoras no final do século XIX e início do século XX coincidiram na luta para eliminar as desgastadas condições pré-capitalistas, porém, tiveram resultados muito menos poderosos, avassaladores e vitoriosos que os da guerra civil dos Estados Unidos. Estes novos movimentos não tiveram um caráter democrático. As burguesias que tentavam alcançar suas predecessoras e de modernizar seus estados e sociedades, se comportaram de forma titubeante no caminho da revolução. No lugar de convocar as massas populares ao combate, de eliminar de uma vez por todas a velha ordem e reestruturar a nação de cima a baixo de acordo com os modelos democráticos e inclusive liberais, prevaleceu nessas burguesias o medo de desencadear um levantamento popular que imitasse o exemplo francês e atacaria todas as formas de propriedade e privilégio.

Ainda mais, como assinalou Robin Blackburn, *"no nível econômico, os capitalistas não podiam e não tratavam de forma imediata de eliminar as formas pré-capitalistas de exploração e opressão, senão que as incorporavam a um sistema de comércio más amplo dominado pela produção capitalista... No contexto geral da supremacia capitalista, uma aristocracia feudal podia converter-se, por etapas, em um setor especial da classe capitalista, tal e como ocorreu com os junkers prussianos"*.

As grandes burguesias tardias, surgidas no século XIX, optaram pela política de negociar um compromisso com as oligarquias latifundiárias, incorporando seus representantes aos círculos governamentais e introduzindo medidas parciais de reorganização social e política que favoreciam seus interesses econômicos em detrimento das liberdades democráticas.

No lugar das revoluções desde baixo que se desenvolveram durante o período do grande ascenso da combatividade burguesa dos processos revolucionários da França e de Estados Unidos, nos países mais importantes que entraram no desenvolvimento capitalista durante a onda industrializadora da segunda metade do século XIX, se deram uma série de manobras cuidadosamente orquestradas que tinham como consequência "revoluções desde cima" limitadas e protagonizadas fundamentalmente pelas classes proprietárias. A época mais impetuosa da expansão capitalista foi ao mesmo tempo a etapa das ações políticas menos radicais da grande burguesia.

Os casos da Alemanha, Japão e Itália são três exemplos de transformações conservadoras, tipo "revolução desde a cúpula", cujos resultados foram regimes imperiais aburguesados. As burguesias atrasadas da Alemanha e Japão conseguiram realizar esta transição da condição pré-capitalista a burguesa, fazendo um pacto com uma parte da aristocracia latifundiária que incluía um programa que resolvia seu desenvolvimento futuro sem que fossem afetadas as grandes propriedades da terra em poder da anterior. A burguesia aceitou sacrificar sua hegemonia política e a traição às demandas democráticas das massas populares em troca de concessões econômicas favoráveis.

(...)

As nações que puderam evitar um levantamento revolucionário de dimensões nacionais, no entanto, tiveram que pagar muito caro este trânsito mais suave das condições feudais às condições burguesas. Em todos os casos em que a burguesia teve que dividir o poder com forças arcaicas, o progresso econômico se combinou com regimes repressivos, como foi o caso da ditadura de Porfirio Díaz no México. Um governo que não era produto de uma revolução, não podia ser um governo democrático. Assim, nem os capitalistas alemães, nem os japoneses foram expoentes de ideias democráticas ou criadores e sustentadores de instituições de caráter democrático. O compromisso que fizeram com um setor dos feudais, estipulava que o governo monárquico, os grandes latifundiários e o militarismo permaneceriam como os pilares do novo estado. O governo alemão depois de 1870-1871 não era burguês-liberal. O poder executivo seguia nas mãos da nobreza latifundiária prussiana, inclusive, apesar de que certamente esta devia apoiar-se cada vez mais na burguesia, que acumulava nas suas mãos um poder econômico em rápido crescimento.

Como indicou um amplo espectro de analistas sociais e políticos, a burguesia alemã nunca lutou nem aspirou a um governo democrático. Não o fez em 1849, nem durante o período constitucional da década de 1860. Obrigada a aceitar dito regime democrático depois da queda da monarquia em 1918, a burguesia nunca o considerou inteiramente seu e o via como uma ameaça a seus privilégios econômicos e sociais. Assim que pode, abandonou a república de Weimar e em 1932 deu seu apoio ao partido e ao homem que a destruiu.

(...)

O caráter não revolucionário das burguesias atrasadas como resultado dos realinhamentos sociais e as mudanças políticas surgidos com a evolução do capitalismo mundial, foram claramente reconhecidos e enunciados de maneira taxante pelos marxistas russos na década dos anos noventa do século XIX. Acunharam a frase seguinte para sintetizar esta ideia: "Quanto mais se vai em direção ao oriente, mais covarde é a burguesia". Ainda que as burguesias nacionais que chegaram tardiamente a arena da luta de classes deixavam de desempenhar o papel revolucionário de suas irmãs mais velhas que as precederam, as condições objetivas, todavia não amadureciam para que o proletariado industrial tomasse seu lugar como o dirigente e rebocador da sociedade.

Os operários eram capazes de lutar valente e energicamente pelos seus interesses imediatos e inclusive, em uma capital isolada, capturar o poder durante um breve período de tempo. Porém, o destino da Comuna de Paris em 1871 demonstrou que, todavia, estava acima de suas capacidades nesta etapa sustentar-se no poder. As circunstâncias adversas os obrigaram a renunciar ao poder que temporariamente haviam tomado do seu inimigo de classe. Teriam que esperar o próximo século para que pudessem consolidar um regime estatal próprio.

Nas guerras de 1859, 1864, 1866 e 1870 de onde surgiram a nova Itália e a Alemanha reunificada, foram castas monárquicas que, a sua maneira, realizaram as tarefas que a pequena burguesia não havia realizado em 1848. Esta troca de papéis revelou a falência da grande burguesia que abandonou os métodos revolucionários para a solução dos problemas nacionais fundamentais.

O período que se estendeu entre o massacre da Comuna de Paris e a primeira guerra mundial presenciou o crescimento prodigioso da indústria capitalista sobre as bases do estado nacional, nutrindo o militarismo surgido à sombra do imperialismo predatório, que se desenvolveu e consolidou através das guerras coloniais, subjugando povos e continentes inteiros: as potências europeias repartiram o mundo e se dispunham a medir suas forças com os rivais, conflito que levou à primeira guerra mundial em 1914.

A tremenda expansão do capitalismo teve efeitos contraditórios sobre a classe operária. Serviu para estimular um movimento proletário independente, tanto ao nível sindical como político. Este notável crescimento facilitou e estimulou a união gradual de enormes forças numéricas proletárias, o despertar dos seus setores atrasados, a construção de suas organizações, a clarificação da sua ideologia e seu programa e temperou sua vanguarda. Foi a etapa do surgimento da Primeira e da Segunda Internacionais que irradiaram o ideal do socialismo a escala planetária.

Estas conquistas e estas características progressivas se combinaram com a aparição de tendências negativas. Sob a bandeira das possibilidades políticas, surgiu o movimento reformista internacional como antítese oportunista da perspectiva revolucionária, essência e fundamento das lições dos fundadores do marxismo e estabelecidas na teoria e na prática das duas internacionais. A base social do reformismo eram os mais aristocráticos dos operários ingleses, franceses e alemães que se adaptavam cada vez más ao ambiente econômico, legal e governamental de seus capitalismo respectivos. As limitações nacionalistas e

as práticas reformistas, incorporadas nas tendências revisionistas, conseguiram um forte impacto e uma grande influência entre os partidos e as direções das organizações socialistas.

Este período prolongado de prosperidade capitalista, com a extensão do voto, a legislação favorável à seguridade social e um nível de vida mais alto das camadas mais favorecidas do proletariado, teve como consequência a atenuação das contradições de classe.

(...)

A atividade política a favor das metas proletárias era efetiva, segundo o pensamento e a prática reformistas, só por meio do caminho parlamentar e a colaboração com os liberais da pequena burguesia. As reformas deveriam ser conquistadas não com as mobilizações das massas proletárias e sim solicitando a boa vontade das classes possuidoras impulsionadas, ainda que sem muita força, pela devida pressão desde baixo. A prometida transferência de poder aos operários, dentro deste esquema, viria de forma mais que gradual.

Delineou-se um cenário no qual os setores proletários com melhores salários dos países industrializados caíram sob a influência material e ideológica de suas classes capitalistas nativas. Consideravam que esse curso era benéfico para a nação e para eles mesmos.

Porém, a intensificação das rivalidades imperialistas e o crescimento da classe operária industrial nos centros metropolitanos estavam criando as bases, não para um renascimento e uma maior expansão das revoluções democrático-burguesas, e sim para o nascimento de um tipo de revolução social e política de um tipo qualitativamente superior que se orientava tanto contra as forças capitalistas como as pré-capitalistas e que se baseava inteiramente nas massas insurgentes de operários e camponeses.

Foi o assalto russo contra a autocracia czarista de 1905 o ato histórico que anunciou ao mundo a chegada deste novo ciclo de revoluções. O primeiro levantamento revolucionário do século XX assinalou algo radicalmente diferente no alinhamento das forças sociais na arena da luta de classes. Os operários industriais tinham se desenvolvido até um nível em que podiam dirigir as massas não só contra a monarquia, a igreja e os latifundiários como também contra a grande burguesia. Ademais, tinham a possibilidade de ganhar se sua ofensiva se combinava com a insurreição camponesa, realizando assim uma união de revolução democrática e socialista.

A importância maiúscula deste giro histórico mundial que tomavam os acontecimentos não foi medida e avaliada de imediato pelos dirigentes mais visionários do movimento revolucionário na Rússia. No primeiro congresso da Internacional Operária e Socialista (nome oficial da mais popularmente conhecida como Segunda Internacional), realizado em Paris em 1889, Plekhanov, o fundador do movimento marxista na Rússia, declarou: "O movimento revolucionário na Rússia só pode triunfar como um movimento revolucionário operário. Não há e nem pode haver outro caminho para nós". O partido socialdemocrata russo foi fundado em 1898 com esse propósito.

Plekhanov, ao mesmo tempo, concordava com os mencheviques o ponto de vista de que o sucessor predestinado para tomar o poder uma vez que caísse a monarquia absoluta czarista era a burguesia liberal russa. A Rússia não podia fugir desta dinâmica do desenvolvimento político já prevalecente no ocidente europeu mais avançado. A hora da classe operária viria somente depois de um prolongado período de exercício de democracia parlamentar baseado, também, no modelo ocidental. Em consequência, a revolução democrática estava separada da socialista por um espaço indefinido de anos.

Mesmo Lênin, não extraiu a conclusão de que a ditadura do proletariado era a meta imediata da luta revolucionária, senão em 1917.

A honra de ter sido o primeiro a reconhecer, prognosticar e analisar as características essenciais da nova etapa de desenvolvimento revolucionário mundial, pertence a León Trotsky. Sua interpretação precursora da combinação das revoluções democrática e proletária foi formulada no panfleto *Balanço e perspectivas*, escrito na primeira metade de 1906, exatamente depois da derrota da revolução do ano anterior. Nele, Trotsky expôs sua versão inicial da célebre teoria da revolução permanente.